

**LETÍCIA SCHMITZ**

**RESGATE HISTÓRICO DO DEPARTAMENTO DE  
TOCOGINECOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

**Trabalho apresentado à Universidade Federal  
de Santa Catarina, como requisito para a  
conclusão do Curso de Graduação em  
Medicina.**



03751871

**LETÍCIA SCHMITZ**

**RESGATE HISTÓRICO DO DEPARTAMENTO DE  
TOCOGINECOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

Trabalho apresentado à Universidade Federal  
de Santa Catarina, como requisito para a  
conclusão do Curso de Graduação em  
Medicina.

**Presidente do Colegiado: Prof. Dr. Maurício José Lopes Pereima**  
**Professor Orientador: Prof. Dr. Jorge Abi Saab Neto**

**Florianópolis**  
**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**2006**

*À minha avó, Ida Longen Bleizeffer, parteira da  
MCD, pelas inúmeras histórias que fizeram com  
que eu me apaixonasse pelo ato de fazer nascer.*

## AGRADECIMENTO

*Ao Prof. Dr. Jorge Abi Saab Neto, orientador deste trabalho, pelo incentivo e paciência em todos os momentos, por ser um exemplo na docência e na medicina, e por enfim, ter tornado esse trabalho possível.*

*Aos Chefes do Departamento de Tocoginecologia, Prof. Dr. Walmor Zomer Garcia, Prof. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl, Prof. Dra. Ligia Antunes Caldeira de Andrada, Prof. Dr. Afonso Marcio Batista da Silva, Prof. Dr. Carlos Gilberto Crippa, e ao Chefe do Departamento Materno Infantil, Dr. Nelson Grisard, sem os quais esta pesquisa não existiria, meu reconhecimento e admiração.*

*À Secretária do Departamento de Tocoginecologia, Cleusa da Silva, que muito me ajudou, colhendo dados referentes ao departamento.*

*À minha família, em especial meu pai, Lauro Schmitz, minha mãe, Vilma Bleizeffer Schmitz, e minhas irmãs, Catherine e Juliana Schmitz, por todo amor e incentivo durante o curso.*

*À minha sobrinha, Giulia Schmitz Espezim, que sempre com um sorriso no rosto alegrava os meus momentos de cansaço.*

*Ao meu incansável namorado, Ricardo Corrêa, pelo conforto, paciência e ajuda nesta caminhada de seis anos, meu eterno amor e carinho.*

*Às inseparáveis amigas, Bruna Schmitz Serpa, Clarissa Alberton Haas, e em especial a minha dupla, Carolina Rottili Daguano, que com suas amizades tornaram mais amenos os pequenos e os grandes obstáculos desta jornada.*

*E a todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram na realização desse trabalho.*

## RESUMO

**Introdução:** História é a narração e estudo dos fatos, dos eventos ocorridos no passado. A história é muito importante, não conhecê-la ou ignorá-la pode ser um grande erro. Esta pesquisa resgata aspectos históricos do Departamento de Tocoginecologia da Universidade Federal de Santa Catarina. O Departamento foi criado em 1982, após a extinção do Departamento Materno Infantil, tendo o ensino como a principal finalidade. Dentro do curso de Medicina, este é o departamento encarregado de coordenando aulas de Ginecologia e Obstetrícia, ensinando aos alunos a saúde da mulher.

**Objetivos:** Resgatar aspectos históricos do Departamento de Tocoginecologia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o ponto de vista dos chefes de departamento.

**Métodos:** A abordagem deste estudo é qualitativa, utilizando a história oral como instrumento de pesquisa. As entrevistas se basearam em temas pré-selecionados. Durante seu desenvolvimento, o departamento foi administrado por seis chefes, sendo as experiências de cinco deles escolhidas como base desta pesquisa.

**Resultados:** Os depoimentos obtidos serão apresentados como o resultado da pesquisa. Sendo o objetivo pa pesquisa o relato histórico, não coube ao estudo a classificação ou comparação destes depoimentos.

**Conclusões:** Os resultados obtidos na pesquisa permitiram apresentar uma série de informações úteis para a reflexão diante das futuras decisões do departamento de Tocoginecologia.

## ABSTRACT

**Background:** History is the narration and study of the facts, of the events occurred in the past. History is very important, not to know it or to ignore it can be a great error. This research rescues historical aspects of the Gynecology and Obstetricses Department of the Santa Catarina Federal University. The Department was created in 1982, after the extinguishing the Infantile Maternal Department, having education as the main purpose. Inside of the course of Medicine, this is the department in charge to co-ordinating lessons of Gynecology and Obstetricses, teaching to the pupils the health of the woman.

**Objective:** To rescue historical aspects of the Gynecology and Obstetricses Department of Santa Catarina Federal University, on the point of view of the department heads.

**Method:** The study's style is qualitative, and it uses the oral history as the research's tool. The interviews were based on pre selected subjects. The departament during its development it was managed by six heads. The experiences of the five of them have been chosen as bases on this research.

**Results:** The testimonials are presented as the result of this research. Research's object is historical rescue essentially, so there is not the classification or comparison among the testimonials.

**Conclusions:** The research's results give important information, useful to guide future decisions in the Gynecology and Obstetricses Department.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>FALSA FOLHA DE ROSTO.....</b>                                    | <b>i</b>   |
| <b>FOLHA DE ROSTO.....</b>  | <b>ii</b>  |
| <b>DEDICATÓRIA.....</b>   | <b>iii</b> |
| <b>AGRADECIMENTOS.....</b>  | <b>iv</b>  |
| <b>RESUMO.....</b>  | <b>v</b>   |
| <b>ABSTRACT.....</b>  | <b>vi</b>  |
| <b>SUMÁRIO.....</b>   | <b>vii</b> |
| <br>  |            |
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>01</b>  |
| <b>2 OBJETIVOS .....</b>  | <b>04</b>  |
| 2.1 Objetivo Geral .....  | 04         |
| 2.2 Objetivos Específicos .....                                     | 04         |
| <b>3 METODOLOGIA .....</b>  | <b>05</b>  |
| 3.1 Sujeitos da Pesquisa .....                                      | 06         |
| 3.2 A Entrevista .....  | 06         |
| 3.21 Pré-Entrevista .....   | 06         |
| 3.22 Entrevista .....   | 07         |
| 3.23 Transcrição .....  | 08         |
| 3.24 Conferência .....  | 08         |
| 3.3 Análise e Interpretação dos Dados .....                         | 08         |
| 3.4 Aspectos Éticos .....   | 09         |
| <b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>                | <b>10</b>  |
| 4.1 Prof. Dr. Zulmar Lins Neves (1960-1971) .....                   | 10         |
| 4.2 Prof. Dr. Nelson Grisard (1971 – 1981) .....                    | 11         |
| 4.3 Prof. Dr. Walmor Zomer Garcia (1982 – 1988) .....               | 13         |
| 4.4 Prof. Dra. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi (1988 – 1992) .....     | 16         |
| 4.5 Prof. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl (1992 – 1996) .....         | 17         |
| 4.6 Prof. Dra Ligia Antunes Caldeira de Andrade (1996 – 2000) ..... | 21         |
| 4.7 Prof. Dr Afonso Marcio Batista da Silva (2000 – 2004) .....     | 24         |
| 4.8 Prof. Dr Carlos Gilberto Crippa (2004 – 2006) .....             | 27         |

**5 CONCLUSÃO .....32**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....33**

**APÊNDICES .....35**

**NORMAS ADOTADAS ..... 38**



## 1 INTRODUÇÃO

Memória é a capacidade mental de reter, recuperar, armazenar e evocar informações disponíveis, a memória focaliza coisas específicas,<sup>1</sup> carrega a presença do acontecimento ao qual ela se refere.<sup>2</sup> É um processo que conecta pedaços de conhecimentos a fim de gerar novas idéias, ajudando a tomar decisões diárias.<sup>1</sup>

O significado da memória pode ser melhor apreendido metaforicamente, através da mitologia indiana do esquecimento e da recordação. Nesta concepção, o esquecimento (amnésia) é comparado ao sono, à perda da consciência, à cegueira, à ignorância e à morte. Ao contrário, a recordação (anamnesis) é comparada ao despertar, à libertação, à tomada de consciência de sua identidade e à sabedoria.<sup>3</sup>

Com efeito, a perda da memória constitui-se um aspecto especialmente grave, pois o esquecimento das próprias raízes culturais e da própria história dificulta o reconhecimento de seus traços originais e a elaboração, a partir desses, de um projeto cultural e científico autônomo.<sup>2</sup>

A desmesurada aceleração do tempo em que vivemos parece vir causando o medo de uma amnésia coletiva, o que vem levando as sociedades a uma busca febril dos vestígios do seu passado, tanto remoto como recente. No entanto, como fenômeno coletivo, a memória também guarda um caráter seletivo, para Pierre Nora, a memória coletiva é “o que fica do passado ou o que os grupos fazem do passado”.<sup>3</sup>

A memória coletiva é perpetuada através dos documentos de toda natureza, que são produzidos por uma determinada sociedade em um dado momento, segundo as relações de poder então existentes. Por corresponder a um esforço para conservar a memória dos acontecimentos contemporâneos e para fornecer elementos que possibilitem a realização de estudos históricos, o trabalho de documentação considera não somente os documentos oficiais, mas também os depoimentos orais, os arquivos particulares, os álbuns de fotografias, que formam um complexo de conhecimentos não institucionais, e representam a consciência coletiva dos grupos.<sup>3</sup>

O que sobrevive no tempo não é o conjunto daquilo que ocorreu e foi produzido no passado, mas o fruto das escolhas realizadas por indivíduos, grupos, sociedades. A memória disponibiliza, portanto, o material para o trabalho da história: por meio da própria memória, os atores do processo histórico buscam salvar o passado para servir a edificação do presente e

do futuro. Ela é formadora de uma identidade.<sup>2</sup> As informações precisavam ser difundidas; a realidade precisa ser compartilhada, comunicada.<sup>4</sup>

História é a narração e estudo dos fatos, dos eventos ocorridos no passado, e por consequência, o conjunto destes fatos e eventos,<sup>1</sup> é o processo humano do viver coletivo ao longo dos tempos e no aqui e agora, isto é, aquilo que os homens viveram no passado e vivem hoje, estabelecendo relações entre si.<sup>4</sup>

O homem distingue-se dos animais por ser capaz de reter experiências passadas.<sup>5</sup> Só os seres humanos são capazes de contar uma história, porque somente eles sabem que algo aconteceu no passado, num tempo distante.<sup>4</sup> O que aconteceu no passado revive na memória; ao redor dos acontecimentos presentes há uma cadeia de pensamentos ligados a coisas semelhantes empreendidas em dias que se foram. Tudo isso, tudo que estabelece uma diferença entre a bestialidade e humanidade, entre cultura e mera natureza física, se deve ao fato de o homem ser capaz de recordar, reter e acumular experiências.<sup>5</sup>

Foi a partir da observação e do registro atento dos eventos que surgiram as primeiras histórias.<sup>4</sup> A história, ao contrário do que muitos imaginam, não é algo limitado ao passado e de caráter imutável. Ela sofre adaptações de acordo com as conveniências de uma ou outra classe social dominante. Sendo assim, a história, como qualquer outra ciência, não é totalmente imparcial; sofre influências e interferências de forças de natureza política, econômica e cultural.<sup>6</sup>

A todo tempo o desenrolar histórico de cada vida impõe o desafio de tentar sobreviver, de lutar para romper um ciclo — nascer, crescer, amadurecer e morrer — cuja inevitabilidade, na maioria das vezes, induz à adoção de componentes de cunho ideológico ou religioso para o justificá-lo ou amenizá-lo.<sup>4</sup>

Aí está a importância da história, não conhecê-la ou ignorá-la pode ser um grande erro. Não se interessar por ela significa dizer que você não se interessa pela a origem dos fatos, seria se fechar para o conhecimento humano, deixar de conhecer a si mesmo. Sem a história tudo o que vivemos, construímos seria esquecido. Todo o mérito e aprendizado seriam deixados para trás. Cometeríamos sempre as mesmas falhas. Nessa caminhada a fim de encontrar a verdade, a história resgata o passado, mas só isso não é suficiente, o importante é conhecer o presente e achar nele uma relação com o passado, é aprender com o passado e analisar o presente, e esse é o papel do historiador.<sup>7</sup>

Como em todas as áreas de conhecimento, os historiadores também se agrupam em torno de correntes de pensamento, objetos de estudo, métodos de trabalho, formando grupos

específicos e muitas vezes divergentes que debatem com vigor seus pontos de vista, o que faz parte do processo de validação do conhecimento histórico e impulsiona seu avanço.<sup>3</sup>

O ofício do historiador não é somente “o de lembrar o que os outros se esquecem”, mas principalmente o de “compreender e explicar porque as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si”. A principal tarefa do historiador “não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender”.<sup>3</sup>

O curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado em 1960, teve as disciplinas de Ginecologia e Obstetrícia coordenadas pelo Departamento Materno Infantil, e as aulas teóricas e práticas eram ministradas na Maternidade Carmela Dutra.

Em 1982, o então departamento Materno Infantil, que coordenava todas as disciplinas correspondentes a saúde infantil e materna, foi extinto e no lugar deste foi formado dois grandes departamentos. O primeiro, Departamento da Pediatria, que ficou encarregado do ensinamento da saúde da criança, coordenando aulas de puericultura e principais especialidades pediátricas. O segundo, Departamento de Tocoginecologia responsável pelo ensinamento da saúde da mulher e da gestante, coordenando aulas de Ginecologia e Obstetrícia.

Desde a sua formação o Departamento de Tocoginecologia apresentou doze mandatos, ocupados por seis Chefes: Prof. Dr. Walmor Zomer Garcia (1982 – 1988); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi (1988 – 1992); Prof. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl (1992 – 1996); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ligia Antunes Caldeira de Andrada (1996 – 2000); Prof. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva (2000 – 2004); Prof. Dr. Carlos Gilberto Crippa (2004 – 2006).

Neste sentido, a presente pesquisa almeja realizar o resgate histórico do Departamento de Tocoginecologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob o ponto de vista dos chefes de departamento.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Resgatar a história do Departamento de Tocoginecologia da UFSC, narrada pelos chefes de departamento desde a sua formação em 1982.

### **2.2 Objetivo Específico**

Relatar depoimento dos chefes de departamento a partir de entrevistas e abordagem de temas, sem compará-los ou classificá-los.

Relacionar os professores que estiveram incumbidos com o ensino da Ginecologia e Obstetrícia, desde a criação do Departamento de Tocoginecologia.

### 3 MÉTODOS

A presente pesquisa relata a evolução histórica do ponto de vista dos chefes do departamento de Tocoginecologia da UFSC. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, pelo fato do objeto de análise ser qualitativo e esta abordagem permitir extrair o dinamismo e todos os significados possíveis e necessários ao objeto da pesquisa.<sup>8,9</sup> Neste sentido, pode-se resumir a abordagem qualitativa em:

“A abordagem qualitativa de pesquisa, inserida em um paradigma de ciência que acolhe a incerteza e a contradição, apresentam em sólido suporte para a realização de estudos que visem a uma análise em profundidade de fenômenos sociais e psicológicos que nem sempre podem ser obtidos através de instrumentos quantitativos.”<sup>10</sup>

O resgate histórico pode ser realizado através de inúmeras técnicas. A técnica empregada neste trabalho foi a história oral. A escolha da história oral enquanto metodologia deve-se ao fato de tal método permitir abordar de forma completa, através da entrevista, o objeto em estudo, pois ela valoriza quem vivenciou o momento que é narrado.<sup>11,12</sup>

A história oral foi um instrumento de pesquisa que ficou, até a década de 60, submisso à história baseada em documentos. No entanto, com o avanço tecnológico que facilitou a gravação dos relatos e a constatação da manipulação de documentos escritos, a história oral se apresenta como uma excelente alternativa para a pesquisa histórica.<sup>13</sup> Para minimizar o viés metodológico o pesquisador entrevistador deve adquirir o máximo de domínio sobre o assunto e a técnica de entrevista para assim controlar esta situação.

O pesquisador histórico não pode manipular nem controlar as variantes da pesquisa. O desenho da investigação histórica é semelhante ao do “*ex post facto*”, no qual os pesquisadores não têm controle sobre as informações contidas nos documentos, nos arquivos, seja de natureza morta ou viva. Outra desvantagem é com relação à definição de amostragem, pois pode consultar apenas arquivos existentes e que podem conter vícios ou viés.<sup>11</sup>

### 3.1 Sujeitos da Pesquisa

O objetivo da pesquisa é de abordar a evolução histórica do Departamento de Tocoginecologia da UFSC, pela narrativa de seus chefes. Por isso a amostra foi intencional, sendo que, durante o período de existência entre 1982 a 2006, houve doze mandatos, sendo ocupados por seis diretores. Os professores entrevistados são: Prof. Dr. Walmor Zomer Garcia; Prof. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl; Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ligia Antunes Caldeira de Andrade; Prof. Dr. Afonso Marcio Batista da Silva; Prof. Dr. Carlos Gilberto Crippa. Foi também entrevistado o Prof. Dr. Nelson Grisard, Chefe do Departamento Materno Infantil.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi não participou da presente pesquisa em razão do seu falecimento em 04 de fevereiro de 2004.

Todos os professores citados foram convidados e esclarecidos do objetivo da pesquisa previamente à entrevista.

### 3.2 A Entrevista

A entrevista possibilita ao pesquisador vislumbrar o acontecimento objeto da pesquisa que ocorreu num passado recente através dos relatos de personagens que vivenciaram o fato histórico.<sup>11</sup>

A entrevista possui várias classificações. A utilizada nesta pesquisa é a entrevista guiada, a qual se apóia em guia de temas ou tópicos que podem ser comentados durante o encontro ou dar origem a questões que levem o entrevistado a refletir sobre determinado tema.<sup>8</sup>

O processo de entrevista constitui-se de materiais e métodos que respeitam uma ordem, para que os resultados sejam expressivos. As fases da entrevista poderão ser divididas em:<sup>13,14</sup>

#### 3.21 Pré – Entrevista:

Corresponde à preparação do encontro para a entrevista:

- Agendamento: local e data,
- Convite dos narradores/ colaboradores e consentimento sobre os termos da pesquisa e posterior utilização para publicação,
- Preparação específica (elaboração de roteiro).

O local a ser escolhido para a entrevista ficou a critério do narrador, pois dependeu principalmente de sua localização e disponibilidade. Foi dada a preferência para locais informais que garantissem tranquilidade para o narrador e melhor aproveitamento da entrevista.

### 3.22 Entrevista

É o momento em que o narrador e o pesquisador se confrontam. O pesquisador passa a ser apenas um colaborador evitando interferir na entrevista. Por serem entrevistas temáticas, as entrevistas apresentam as seguintes características:

- Não estimuladas: sem fotos ou documentos apresentados ao narrador,
- Diretivas: com roteiro temático de base que permite um grau de liberdade de respostas e reflexões do entrevistado,
- Duração: tempo livre para o relato,
- Registro: por causa das desvantagens e dificuldades do registro escrito, todas as entrevistas serão gravadas digitalmente com MP3 *player*.

Os aspectos preconizados para o sucesso da entrevista são:<sup>15,16</sup>

- Cordialidade entre o narrador e o mediador, do início ao fim da entrevista,
- Direcionamento das respostas para que apresentem:
  - Validade: comparação com fontes externas, observando as dúvidas, incertezas e hesitações do narrador, para que posteriormente facilite o trabalho de análise,
  - Relevância: importância em relação ao objeto de pesquisa,
  - Específicas: datas, locais, quantidades,
  - Clareza: dos termos da conversa;
  - Profundidade: relaciona-se com sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado.

A técnica de entrevista facilmente pode induzir a erros, por isso várias vantagens, desvantagens e estratégias serão apresentadas a seguir:<sup>13,17</sup>

- Dificuldade de comunicação entre as partes,
- Incompreensão por parte do informante, do significado das perguntas podendo levar a uma falsa interpretação,
- Disposição do entrevistado em dar informações,
- Retenção ou inversão de dados receando da revelação de sua identidade,
- Desprendimento de tempo e equipamentos.

Dentre os problemas sugeridos, acredita-se que nenhuma das dificuldades apresentadas foram de grande relevância para esta pesquisa, tendo em vista o elevado grau de entendimento dos narradores. Por se tratar de um tema histórico, não restou qualquer risco de prejuízo ou constrangimento ao narrador.

### 3.23 Transcrição

Seguiu-se então a transcrição que se destina à mudança do estágio oral para o escrito. Nesta fase o pesquisador utilizou todo conhecimento bibliográfico e documental obtido, para poder transcrever, a fim de obter o mais fiel possível sem erros de nomes e datas que por ventura não tenham sido confirmadas na entrevista, dando mais visibilidade ao público do assunto tematizado. Porém, mantém-se indicado o acervo fraseológico e caracterização vocabular do narrador, corrigindo erros gramaticais e vícios de linguagem. Faz-se neste momento necessário o comentário de Thiollent:

“É muito difícil retratar no texto transcrito o clima da entrevista, os gestos, a voz, a entonação, as ênfases do entrevistado. Assim uma pontuação errada ou exclamação a menos, muda o sentido que foi dito, um gesto feito, que não é gravado, mas visualizado, permitiria entender melhor uma frase que a escrita que por vezes perde o sentido.”<sup>18</sup>

### 3.24. Conferência

Após a transcrição e análise, o texto foi conferido e aprovado pelo narrador. Após a conferência e revisão vieram a impressão, catalogação e arquivamento dos materiais, tanto escrito quanto gravado. Após a transcrição e conferência dos dados, o material gravado será desgravado.

## 3.3 Análise e Interpretações dos Dados

A análise dos dados constitui em uma operação que objetiva representar o conteúdo de um documento, neste caso as entrevistas, a fim de facilitar em momento posterior a sua consulta e referência.<sup>8</sup>

Para realizar esta análise inicialmente se faz necessária a organização e identificação dos dados contidos em cada momento da entrevista, a fim de agrupá-los conforme as datas que elas ocorreram. Operou-se também a exclusão de algum trecho que não viesse a se adequar aos temas em análise.

No desenvolvimento da análise destes dados referentes à evolução do Departamento, são citadas referências relativas aos temas, seguidas dos relatos dos entrevistados, não havendo o objetivo de classificar os diferentes estilos de pensamento que por ventura ocorram em determinados assuntos mas contextualizá-los.



Ao final desta fase, o pesquisador continua seu trabalho fazendo ainda as considerações que vão além dos fatos.<sup>8,9</sup> Seguindo, por tanto, as considerações finais.

### **3.4 Aspectos Éticos**

Como premissa da pesquisa em história oral, que utiliza a entrevista como principal recurso do método, todos os participantes consentiram a entrevista e a gravação delas, com a utilização dos dados. Conforme autorizado é utilizado o nome próprio dos chefes de Departamento na apresentação dos depoimentos durante a apresentação dos resultados.

Este projeto foi realizado no primeiro semestre do ano corrente, sendo os custos operacionais de responsabilidade exclusiva dos pesquisadores. Os resultados aqui obtidos poderão ser aproveitados para outro projeto de resgate histórico da Faculdade de Medicina da UFSC.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Prof. Dr. Zulmar Lins Neves (1960 -1971)



Fundador da cadeira de Ginecologia e Obstetrícia do curso de Medicina da UFSC.

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Profº. Dr. Hamilton Rogério Sanford Vasconcellos
- Profº. Dr. Hélio Freitas
- Profº. Dr. Huri Gomes Mendonça
- Profº. Dr. José de Patta
- Profº. Dr. Nazareno Amim
- Profº. Dr. Renato Henriques Ferreira e Costa
- Profº. Dr. Walmor Zomer Garcia
- Profº. Dr. Zulmar Lins Neves

#### 4.2 Prof. Dr. Nelson Grisard (1971 – 1981)



Nascido em Florianópolis cursou medicina em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná, formou-se em 1961. Em 1964 iniciou suas atividades docentes na Universidade Federal de Santa Catarina, da qual era Professor Adjunto e Livre Docente de Pediatria. Fez pós-graduação em Neonatologia na cidade do México, entre 1968 e 1969, logo após foi a Montevideu, cursar pós-graduação no Serviço de Fisiologia Obstétrica.

Em 1971 foi designado pelo Reitor desta Universidade, Sr. Ernani Bayer, chefe do Departamento Materno Infantil, sendo seu idealizador, planejador, organizador e responsável até maio de 1979.

“No ano de 1970-1971 houve a Reforma Universitária, comandado pelo Ministério da Educação, nesta ocasião todas as faculdades do Brasil mudaram os seus currículos, e fundiram em um único departamento as matérias de Pediatria e Ginecologia. O Departamento agora apresentaria aulas de Pediatria, Cirurgia Pediátrica, Ginecologia e Obstetrícia.”

O departamento era localizado na Maternidade Carmela Dutra, onde atualmente é a unidade VIII, unidade de Alto Risco, no local havia uma secretaria e uma sala da chefia. A reitoria se localizava na Rua Bocaiúva, onde agora é o exército, havia um casarão no local onde algumas aulas eram ministradas, aulas essas que também eram lecionadas no prédio da Rua Ferreira Lima.

Em maio de 1979, foi eleito por unanimidade Chefe do Departamento Materno Infantil, com mandato de dois anos.

“Um dos resultados mais importantes foi a expansão do corpo docente do Departamento: em 1971 haviam 16 professores, sendo apenas um titular de Obstetrícia e quatro professores assistentes. Em 1979, quase dobrou o número de professores. ”

“A grande novidade da época foi o uso de manequins. Principalmente para o ensino da ginecologia, os alunos puderam aprender a fazer o toque e palpação de mamas, pois eram muito reais, em consistência, na cor. Após o aprendizado, eles estavam mais aptos para atender aos ambulatórios.”

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Prof<sup>o</sup>. Dr. Adilson Osório
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Álvaro José de Oliveira
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Anísio Ludwig
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Gabriel Francisco Faraco
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Hamilton Rogério Sanford Vasconcellos
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Hélio Freitas
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Huri Gomes Mendonça
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Jorge Abi Saab Neto
- Prof<sup>o</sup>. Dr. José de Patta
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ligia Antunes Caldeira de Andrada
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Lincoln Virmond Abreu
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Luiz Miguel Parente
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Krieger Tavares da Cunha Melo
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Murillo Ronald Capella
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Nazareno Amim
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Nelson Grisard
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Newton Djalma do Vale Pereira
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Peter Goldberg

- Prof<sup>o</sup>. Dr. Renato Henriques Ferreira e Costa
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Ronaldo José Melo da Silva
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Savas Apóstolo Pitsica
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Zulmar Lins Neves
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Walmor Zomer Garcia

Funcionários: Gema Sucupira Domingues e Hélio Trilha.

“A separação do Departamento ocorreram por três razões: éticos, políticas e profissionais. Ética, pois eu como pediatra não poderia ser responsável por atos obstétricos. Políticos, pois como um departamento único, tínhamos apenas um voto no colegiado, mesmo sendo um departamento grande. E Profissional porque ninguém é médico da especialidade materno-fetal, são médicos gerais, ou é pediatra, ou, ginecologista.”

Dr. Nelson Grisard crê ter dado o máximo dos seus esforços e o melhor de suas intenções para o aprimoramento do ensino médico, criando disciplinas, estimulando carreiras, propiciando o aprimoramento dos docentes. Dessa maneira, sempre procurou corresponder a confiança e ao apoio das atividades universitárias, dos professores e dos alunos, quer nos cargos designados ou eletivos.

#### **4.3 Prof. Dr. Walmor Zomer Garcia (1982 – 1988)**



Nascido em Florianópolis fez o curso de medicina na cidade do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, formou-se em 1952 e retornou a Florianópolis. Quando chegou na cidade começou a trabalhar na Maternidade Carlos Corrêa, e trabalhou por muitos anos na Maternidade Carmela Dutra, instituição que foi diretor no período de 1964 a 1968. Iniciou a carreira de docente em 1963, lecionando aulas de Ginecologia e Obstetrícia, ajudou na formação do curso de Medicina da UFSC, sendo um dos primeiros professores de Ginecologia e Obstetrícia.

Não houve eleição na primeira gestão deste novo departamento, foi designado ao cargo de chefe de departamento o Dr. Nelson Grisard e o Dr. Walmor Zomer Garcia ficou encarregado de ser o sub-chefe. Após dois anos, houve a primeira eleição do departamento, nesta ocasião foi eleito o Dr. Walmor Zomer Garcia para o cargo de chefe e o Dr. Nelson Grisard como sub-chefe, invertendo assim os cargos.

“Lembro-me que faziam parte deste Departamento: Dr. Zulmar Lins Neves, Dr. Hélio Freitas, Dr. Renato Costa, Dr. Huri Gomes Mendonça, Dr. Hamilton Vasconcelos, D. Nazareno Amin, Dr. Miguel Parente, na parte da Ginecologia e Obstetrícia e na Pediatria faziam parte o Dr. Gabriel Faraco, Dr. Álvaro Oliveira, Dr Anísio Ludwig, Dr. Lincoln Virmond Abreu e Dr. Nelson Grisard.”

Ao se tornar chefe deste departamento, Dr Walmor designou um médico da Pediatria para a função de gestor provisório, que seria quem coordenaria a pediatria.

“Pra mim era muito difícil coordenar a pediatria, não saberia priorizar as principais necessidades da especialidade.”

Apesar da grande afinidade, estas duas especialidades eram distintas. Em virtude deste fato, houve a separação e formação de dois grandes departamentos: Departamento de Tocoginecologia e Departamento de Pediatria.

“Infelizmente, nem tudo o que interessava à pediatria interessava à ginecologia e vice-versa, em virtude disso, após um tempo, conseguimos junto à Universidade desdobrar o departamento Materno Infantil em Departamento de

Tocoginecologia e Departamento de Pediatria. Essa separação deu mais independência aos departamentos, mais liberdade de ação.”

Foi eleito o primeiro chefe, do recém-criado, Departamento de Tocoginecologia, em 1982. Cumpriu o seu mandato de dois anos e em 1984 houve a prorrogação por mais dois anos. Em 1986, foi reeleito como chefe do departamento.

“Acredito que na época ninguém gostaria de assumir esse cargo, pela quantidade de trabalho que tínhamos e pela difícil missão que é dirigir médicos.”

Sobre a função do Departamento comenta.

“O departamento sempre foi encarregado de uma parte importante na formação do médico. A especialidade de Ginecologia e Obstetrícia é uma das grandes áreas básicas da medicina, e esse departamento servia para organizar todas as aulas e o internato desta matéria. Todo aluno que saía da faculdade sabia atender possíveis emergência ginecologia e fazer a assistência ao parto.”

Relata que a grande luta que tinha como chefe de Departamento era a construção do Hospital Universitário (HU) e a implantação neste de uma maternidade.

“O nosso grande sonho era a construção do HU. Desde 1980, o departamento lutava pela criação da maternidade, inúmeras foram às reuniões feitas por esta razão. Após ser construído, conseguimos colocar dentro do hospital um ambulatório de ginecologia, tínhamos então um representante do departamento dentro do HU, mesmo sem a maternidade funcionando.”

Infelizmente, quando a maternidade do HU foi inaugurada, em 1995, o Dr Walmor Zomer não fazia mais parte do departamento, ele se aposentou em junho de 1989.

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Prof<sup>o</sup>. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Gilberto Crippa
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Silveira Soncini

- Prof<sup>o</sup>. Dr. Hamilton Rogério Sanford Vasconcellos
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Hélio Freitas
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Huri Gomes Mendonça
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Jorge Abi Saab Neto
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilia Rosa Marques
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ligia Antunes Caldeira de Andrada
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Luiz Miguel Parente
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Krieger Tavares da Cunha Melo
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Ricardo Nascimento
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Savas Apóstolo Pitsica
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Walmor Zomer Garcia

#### Mensagem aos alunos

“A UFSC sempre formou grandes médicos, muitos dos meus alunos são hoje professores desta Universidade. Faço votos e espero que tenham ânimo e força de vontade para serem sempre médicos melhores.”

#### 4.4 Prof. Dra. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi (1988 – 1992)



Foi chefe do Departamento por dois mandatos seguidos de 1º de março de 1988 a 01º de março de 1992. Aposentou-se por motivo de doença em dezembro de 1992.



Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Prof<sup>o</sup>. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Gilberto Crippa
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Silveira Soncini
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Hamilton Rogério Sanford Vasconcellos
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Jorge Abi Saab Neto
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilia Rosa Marques
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ligia Antunes Caldeira de Andrada
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Krieger Tavares da Cunha Melo
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Ricardo Nascimento
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Mara Wiethorn Rinaldi
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Savas Apóstolo Pitsica
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Ubiratan Cunha Barbosa
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Walmor Zomer Garcia

#### **4.5 Prof. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl (1992 – 1996)**



Nascido em Alto Bela Vista, cidade localizada no oeste do estado de Santa Catarina, cidade que hoje faz parte da represa de Itá, terminou o ensino médio em São Lourenço, no Rio Grande do Sul.

Foi perguntado ao Dr. Klaus o porquê da escolha em ser médico, e após uma breve pausa respondeu:

“Isso é complicado, primeiro comecei a trabalhar na Varig, sempre gostei muito de aviação, cheguei até voar por um semestre, mas por conselho de um amigo de meu pai, que era comandante, resolvi mudar de profissão. Ele achava que a profissão escolhida por mim deveria ser uma em que eu pudesse ficar mais tempo com a minha família. Morei oito anos em São Lourenço longe dela e sei que se continuasse essa carreira, ficaria mais da metade da minha vida longe de minha família. E isso mexeu muito comigo, então decidi mudar.”

Após perder o vestibular no Rio Grande do Sul, viajou até Florianópolis, e realizou a prova, tinha duas opções, odontologia e medicina. Visitou as instalações de Odontologia mas não se identificou com a profissão, resolveu então visitar as instalações de medicina, na época à rua Ferreira Lima, e gostou muito do que viu.

“Fui muito bem recebido, o pessoal que trabalhava no local era muito atencioso, durante a visita, observei que tudo era muito bem arrumado, novo, correto. E então resolvi cursar Medicina.”

Foi aluno da segunda turma de medicina da UFSC, iniciou a faculdade em 1961 e formou-se em 1966. Nesta época as aulas de Ginecologia e Obstetrícia, teóricas e práticas, eram ministradas na Maternidade Carmela Dutra (MCD). A partir do quarto ano de faculdade os alunos poderiam fazer plantões destas especialidades na Maternidade.

“Comecei a fazer plantão na Carmela, como estudante a partir do quarto ano, e nunca mais parei. A minha turma era pequena, tinha trinta e um alunos e tivemos um curso diferenciado, nós não éramos apenas alunos, nós éramos como filhos para os professores. Por isso eu tenho uma lembrança muito querida daquela época.”

Foi questionado sobre a opção pela especialidade de Ginecologia e Obstetrícia:

“Foi instintivo, comecei a dar plantão durante a faculdade, e de repente eu me flagrei aproveitando todo meu tempo livre que eu tinha correndo para a maternidade, para ajudar nos plantões, neste momento percebi que havia feito a minha opção, foi inquestionável.”

Tornou-se professor desta faculdade em 1972, após a realização de concurso, mas desde a sua formatura trabalhou como professor voluntário, lecionando Ginecologia e Obstetrícia na MCD.

Sobre a extinção do Departamento Materno Infantil e a criação do Departamento de Tocoginecologia comentou:

“Foi um processo natural, há muitos anos isso estava para acontecer. As duas especialidades são muito importantes, são até mesmo complementares, sempre foi ensinado para os alunos o dever do médico em dar assistência tanto para mãe quanto para os bebês. Porém chegou o momento em que era necessário a criação de departamentos separados, para atender melhor aos alunos e planejar as disciplinas e aulas. A partir desse momento o Departamento de Tocoginecologia ficou como responsável por toda a formação médica na área feminina, tudo que diz respeito a esse assunto cabe ao departamento ensinar aos alunos.”

Sobre a transferência das aulas para o HU.

“Eu fui contra, no início, não acreditava que o HU estava preparado para atender todas as necessidades dos alunos. O que o HU tem de bom na área de Ginecologia e Obstetrícia é o ambulatório, fora isso eram poucas vagas no centro Obstétrico, as enfermarias eram restritas, além de um fluxo de pacientes ser bem menor. Sempre acreditei que a MCD seria melhor para os alunos, por isso fui um dos incentivadores em manter uma parte do internado, a décima fase, onde antigamente eram dadas as aulas.”

Dr. Klaus tornou-se chefe do departamento em 1992 e cumpriu essa missão por dois mandatos, que terminou em 1996. Comentou:

“Ser chefe de departamento foi muito importante para mim, Quando eu assumi o cargo, e isso eu tenho muito orgulho de falar, o departamento estava um pouco desacreditado, por uma série de razões, problemas internos. Nós, que fazíamos parte da equipe que formava a Ginecologia e Obstetrícia, trabalhamos muito para resolver todos esse problemas e fizemos de tudo para deixar as disciplinas e o curso voltado para Ginecologia e Obstetrícia o melhor. Fui pela primeira vez convidado a ser patrono de uma das turmas, e nunca mais deixei de ser homenageado, e vejo com muita satisfação que até hoje os professores da Ginecologia participam dessa homenagem. Sempre fui muito bem recebido por todas as turmas e acho que isso é uma homenagem para o departamento, ter seus professores homenageados. Tenho certeza que contribuí para o avanço no conceito da Ginecologia e Obstetrícia na UFSC.”

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Profº. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva
- Profº. Dr. Carlos Gilberto Crippa
- Profª. Drª. Eliane Silveira Soncini
- Profº. Dr. Edison Natal Fedrizzi
- Profº. Dr. Hamilton Rogério Sanford Vasconcellos
- Profº. Dr. Jorge Abi Saab Neto
- Profº. Dr. Klaus Meinhardt Huedepohl
- Profª. Drª. Lilia Rosa Marques
- Profª. Drª. Ligia Antunes Caldeira de Andrada
- Profª. Drª. Miriam Krieger Tavares da Cunha Melo
- Profº. Dr. Ricardo Nascimento
- Profº. Dr. Savas Apóstolo Pitsica
- Profº. Dr. Ubiratan Cunha Barbosa

Aposentou-se em maio de 1996.

Mensagem aos alunos da medicina:

“Sejam sempre otimistas. Estudem bastante. A curso de medicina, hoje, está se tornando cada vez mais difícil e longo, o acesso ao mercado de trabalho está

complicado, mas nunca devemos desanimar, devemos procurar ser bom naquilo que fazemos, e fazer com respeito aos pacientes.”

#### 4.6 Prof. Dra Ligia Antunes Caldeira de Andrada (1996 – 2000)



Nascida em Florianópolis, escolheu a medicina como profissão ainda jovem, com quinze anos de idade, no intuito de cuidar das pessoas. Iniciou o curso de Medicina, na UFSC, no ano de 1971 e se formou em 1976.

Foi perguntado, a Dr Lígia, como eram as aulas de Ginecologia e Obstetrícia na sua época de estudante.

“Durante a faculdade as aulas de Ginecologia e Obstetrícia eram dadas juntas, na mesma época e nas mesmas fases, não havia a separação das matérias, o que deixava os alunos confusos, não havia uma seqüência. Algumas aulas foram até repetidas. Agora está muito melhor, a separação das duas matérias foi uma ótima mudança.”

Sobre a escolha em fazer Ginecologia e Obstetrícia comentou:

“Nunca quis fazer Ginecologia, comecei a faculdade querendo fazer Cirurgia Plástica, durante a faculdade as coisas foram mudando, percebi que gostava de

outras especialidades. Gostava muito de Pediatria e Ginecologia, fiquei na dúvida por muito tempo e acabei fazendo Ginecologia. E não me arrependo.”

Tornou-se professora do 1979, mas iniciou a carreira de docente durante a sua residência médica, na Maternidade Carmela Dutra. No início, lecionava somente aulas práticas, e aos poucos foi ministrando aulas teóricas. Aposentou-se em setembro de 2003.

#### Mudança do departamento Materno Infantil para Tocoginecologia

“Esta mudança facilitou muito o trabalho dentro do Departamento, todos trabalhavam mais coesos, não havia disputa de interesses, todos queriam um bem em comum. Todos trabalhavam como irmãos, alegres e felizes. Um Departamento grande, como era o Departamento Materno Infantil, era muito mais difícil de se lidar, muita gente reunida, uns queriam sobressair mais do que os outros, havia muitas divergências, e depois da separação isso não existiu mais.”

#### Sobre a transferência das aulas para o HU.

“Quando houve a mudança do departamento da MCD para a UFSC, não foi muito fácil, na verdade, no começo foi difícil, pois não existia ainda a maternidade do HU, então nós dávamos as aulas teóricas na Universidade e aulas práticas na MCD. O evento que provocou a grande mudança, foi quando houve a abertura da maternidade do HU, foi neste exato momento que os alunos não iriam mais precisar percorrer grandes distâncias para assistir as aulas e isso facilitou todo o processo de ensino. Na verdade o começo não foi tão simples assim, tivemos muitos problemas, faltavam equipamentos, estrutura, mas faltava o principal, os paciente. Antigamente ninguém tinha o costume de procurar o atendimento na área de Ginecologia e Obstetrícia no HU e por isso ficava tão restrito, mas agora está tudo melhor com bons equipamentos e material humano. Após anos de luta posso dizer que foi uma boa aquisição, toda essa mudança.”

Foi responsável pela chefia do departamento em duas gestões, a primeira de 1996 a 1998 e a segunda, de 1998 a 2000.

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Profº. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva
- Profº. Drª. Beatriz Maykot Kuerten Gil
- Profº. Dr. Carlos Gilberto Crippa
- Profª. Drª. Eliane Silveira Soncini
- Profº. Dr. Edison Natal Fedrizzi
- Profº. Dr. Jorge Abi Saab Neto
- Profª. Drª. Lília Rosa Marques
- Profª. Drª. Ligia Antunes Caldeira de Andrada
- Profº. Dr. Luiz Fernando Somacal
- Profª. Drª. Miriam Krieger Tavares da Cunha Melo
- Profº. Dr. Ricardo Nascimento
- Profº. Dr. Paulo Fernando Brum Rojas
- Profº. Dr. Savas Apóstolo Pitsica
- Profº. Dr. Ubiratan Cunha Barbosa

“A função principal era organizar o departamento, era realizar toda a parte burocrática, fazer a programação das aulas, distribuir os trabalhos e aulas, reunir os professores, distribuir função. Uma das coisas mais importantes neste departamento é que a função de chefe era só mesmo para constar, porque todos trabalhavam de forma igual. Tínhamos uma reunião mensal obrigatória, e se surgisse algum assunto importante marcávamos outra, mas como o nosso departamento é pequeno, quando precisávamos conversar era muito simples, a comunicação entre nós sempre foi muito fácil, não havia a necessidade de muitas reuniões, o principal motivo, além de todos trabalharem, é que não havia disputa de interesses.”

Sobre transformações no currículo do curso de Medicina, no que diz respeito ao Departamento de Tocoginecologia:

“Durante todo esse tempo que eu trabalhei como professora, houve diversas tentativas de mudança no currículo, tivemos muitas reuniões, que eu me

lembre, houve duas grandes mudanças, a primeira foi o aumento do internato, de dois para três semestres, o que aumenta a vivência dos alunos no hospital, ocorrendo um maior contato com a prática médica. A segunda mudança foi no departamento de Tocoginecologia, como já havia falado, na minha época de estudante, não havia uma separação de Ginecologia e Obstetrícia, após algum tempo houve a separação das matérias e ficou estabelecido dois semestres para Ginecologia e dois semestres para Obstetrícia, depois se modificou novamente restando um semestre para Ginecologia e outro para Obstetrícia. As mudanças foram ocorrendo conforme as necessidades, mas acredito que as matérias do nosso departamento começaram a serem empurradas para espaço muito restrito, antigamente havia um grande número de horas/ aulas, mas quando me aposentei, essas horas/ aulas ficaram muito restritas.”

Mensagem aos alunos da medicina:

“Tem que gostar muito do que se faz, a profissão é muito importante para as nossas vidas, deve ser bem exercida, e nunca esquecer de sempre respeitar os pacientes. Outra coisa que nunca devemos esquecer é de nossas famílias, somente ela permanecerá ao nosso lado desde os melhores momentos aos momentos mais difíceis.”

#### **4.7 Prof. Dr Afonso Marcio Batista da Silva (2000 – 2004)**





Nascido em Florianópolis, optou em fazer medicina pela influência de dois de seus irmãos que eram médicos, tinha como segunda opção medicina veterinária. Kursou Medicina na UFSC de 1967 a 1972 quando se formou.

Sobre sua escolha por esta especialidade comentou:

“Sempre gostei muito de Psiquiatria, e tinha certeza que faria esta especialidade, até que no último ano, ao fazer plantões de Ginecologia e Obstetrícia mudei de idéia. O que eu mais gosto é que nesta especialidade podemos fazer de tudo, ficamos independentes; pode-se atua na cirurgia, na clínica e principalmente na prevenção. Em outras especialidades não tem toda essa liberdade, essa facilidade de resolver problemas. Após a minha formatura, fiz residência médica na MCD, depois especialidade de Citopatologia no Rio de Janeiro, e mestrado em Ribeirão Preto.”

Tornou-se professor da UFSC em 1976, lecionando Ginecologia e Obstetrícia.

“As aulas inicialmente eram dadas na MCD, depois houve a transferência das aulas teóricas para o CCS, e após a construção do HU todas as aulas ficaram restritas ao campus da universidade. A mudança das aulas teóricas, para o CCS foi muito boa, pois assim todo o bloco teórico de Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Pediatria e Gineco-Obstetrícia eram dadas no mesmo local. Achei um pouco precipitada a mudança das aulas práticas para o HU, era um hospital muito pequeno, quando nos referimos às alas da Ginecologia e Obstetrícia. Quando estudamos este espaço, verificaremos que proporcionalmente ele é maior para a área de Obstetrícia e muito pequeno para a ginecologia. A Ginecologia tem uma enfermaria com apenas seis leitos, o aproveitamento para as cirurgias ginecológicas sempre foi muito pequeno, na época que eu estava presente, não estava encaixado na rotina do hospital tais cirurgias. O próprio convívio do aluno com a prática da Ginecologia e Obstetrícia era muito restrita, pois além de trabalharem em um hospital pequeno, entravam cem alunos por ano o que diminuía o tempo em cada estágio, pois havia a necessidade de muitos rodízios, no meu tempo de estudante entravam na faculdade quarenta e quatro alunos por ano, então todos conseguiam aprender muito com os pacientes que chegavam até a maternidade.”

### Mudança do departamento Materno Infantil para Tocoginecologia.

“A criação de um departamento próprio para as decisões relativas às matérias de Ginecologia e Obstetrícia foi um ótimo acontecimento. Não haveria mais a necessidade de dividir espaço, dividir aulas com a pediatria, como existia. O Departamento Materno Infantil era muito grande, e muitas discussões ocorreram em virtude disso. Recordo-me que quando eu fui a Ribeirão Preto, para fazer o mestrado, parte da pediatria não aceitava a minha saída, e tentaram bloquear a minha ida, tinha uma certa resistência. Havia uma separação natural do departamento, e após a separação houve a formação de um bloco homogêneo, neste novo departamento a amizade foi o ponto principal.”

Foi Chefe de Departamento por quatro anos, de 2000 a 2004. Aposentou-se em junho de 2004.

“O Departamento de Tocoginecologia é uma peça muito importante dentro do curso de medicina; além da orientação dos alunos, tem como função a solicitação de mais créditos e instrumentos para o trabalho, junto ao colegiado. Tem poder de igualdade com outros departamentos, pela busca de mais espaço. E o que é mais importante, ser uma peça que possa aumentar o conhecimento, a pesquisa, a avaliação e a importância do curso. A importância do chefe é a de brigar pelo seu departamento”

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Prof<sup>o</sup>. Dr. Afonso Márcio Batista da Silva
- Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Maykot Kuerten Gil
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Gilberto Crippa
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Edison Natal Fedrizzi
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Jorge Abi Saab Neto
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilia Rosa Marques
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ligia Antunes Caldeira de Andrada
- Prof<sup>o</sup>. Luiz Fernando Somacal
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Krieger Tavares da Cunha Melo
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Paulo Fernando Brum Rojas
- Prof<sup>o</sup>. Dr. Ricardo Nascimento

- Profº. Dr. Savas Apóstolo Pitsica
- Profº. Dr. Ubiratan Cunha Barbosa

“Tenho o dever de citar outros nomes, grande médicos, que fizeram parte do Departamento, e que ajudaram a construir o curso de Medicina, Dr. Zulmar Lins Neves, Dra. Léa Schmidt da Nova, Dr. Renato Costa, Dr. Hélio Freitas; Dr. Miguel Parente Dr. Walmor Zomer Garcia, Dra. Iracema Oliveria Pereira, Dr. Hamilton Vasconcelos, Dr. Luis Carlos de Souza, Dr. Nazareno Amim. São professores que deverão ser sempre lembrados e homenageados por serem exemplos. Alguns já faleceram e mesmo assim seus ensinamentos se perpetuam pelos conhecimentos de seus discípulos. Grande mestres e amigos.”

Mensagem aos alunos da medicina:

“Essa é uma fase de insegurança, de instabilidade emocional, muitas perguntas irão surgir: o que eu vou fazer? Será que vou passar? E após três anos de residência: para onde eu vou? O que é preciso fazer é olhar para frente e pensar sempre no futuro, e acreditar que tudo dará certo. Tudo vale a pena.”

#### **4.8 Prof. Dr Carlos Gilberto Crippa (2004 – 2006)**



Nascido em Lages, ingressou na UFSC em 1972 e formou-se em 1977. Quando iniciou a faculdade, o sistema era diferente do que está em vigor agora. Entravam cento e

sessenta alunos para o curso de Ciências Biológicas. As três primeiras fases eram baterias básicas, anatomia, citologia, histologia, bioquímica; a partir da quarta fase, os alunos com as melhores notas escolhiam dentre algumas carreiras, odontologia, medicina, farmácia, bioquímica e enfermagem.

“Lembro-me de uma aula do Dr. Savas, a de teste de gravidez, que era ensinado pela técnica de Galli-Manini, que injetava na cloaca do sapo a urina da mulher, eram aulas históricas. Os professores faziam as aulas bem divididas, entre Ginecologia e Obstetrícia, na época os professores eram Dr. Savas, Dr. Klaus, Dra. Miriam, Dr. Nazareno Amim, Dr. Miguel Parente, Dr. Walmor Garcia, Dr. Renato Henriques Ferreira e Costa, mas tarde o Dr. Jorge Abi Saab Neto, como professor voluntário. Eram matérias bem compartimentadas, em fases separadas, e não havia nenhuma inter-relação com outras matérias.”

“O internato era de um ano, na MCD. Na décima primeira fase tínhamos aulas de Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia e na décima segunda, aulas de clínica médica e cirurgia, após cada semestre tínhamos que apresentar um trabalho de conclusão, trabalhos estes feitos em dupla. O meu trabalho de Ginecologia foi sobre miomas uterinos.”

Após se formar, fez residência na MCD. Começou a trabalhar em 1980, e em 1981 iniciou na UFSC como professor voluntário, logo depois se tornou professor horista, e em 1984 prestou concurso e foi contratado como professor auxiliar. Fez mestrado em 2002, passando a ser professor adjunto.”

Não participou ativamente do processo de transição do Departamento Materno Infantil para o Departamento de Tocoginecologia, pois quando iniciou como professor esta mudança já havia ocorrido.

“Durante a faculdade o Departamento tinha outro nome, era Departamento Materno Infantil, era localizado na MCD, onde atualmente é a enfermaria VIII, aulas teóricas e atividades práticas eram na MCD,; não existia o Hospital Universitário. Durante essa fase o departamento tinha como chefe o professor Nelson Grisard, na sequência veio o Dr. Walmor Garcia. Não participei desta

transição, pois quando entrei como professor já era departamento de Tocoginecologia.”

Transferência das aulas de ginecologia e obstetrícia para o campus da universidade.

“A MCD tem uma força muito grande, pois ela é a maior escola de obstetrícia de SC, já formou aproximadamente 200 especialistas. A mudança não foi a ideal, toda mudança provoca um certo medo, mas acredito que todo o ensino da medicina deve ser no HU. O que estamos fazendo atualmente é um convênio da UFSC, MCD e Secretaria da Saúde, possibilitando que nossos alunos participem das atividades da Carmela Dutra, pois não temos uma massa suficiente de pacientes para ensinar nossos alunos. Essa união é muito importante para o curso de medicina, e por isso estamos propondo um livro de condutas básicas que será aprovado pelo departamento, pelo HU e pela Carmela, para quando os alunos passarem por esses locais, sempre tenham a mesma conduta.”

Sobre a mudança do currículo curricular que ocorreu no ano de 2003.

“Na medicina as verdades são passageiras, o que se adapta hoje pode não ser verdade futuramente. Estamos vivendo a época do currículo integrado, e achamos que agora é o que existe de melhor.”

“Assumi o currículo integrado, como chefe de departamento. É uma experiência que estamos assumindo na tentativa de melhorar. Não existe um modelo totalmente verdadeiro, mas não podemos ser fiéis a um modelo único, pois o sistema é dinâmico, tudo muda. O modelo da minha época de aluno é diferente de como eu dou aula, existe uma nova tecnologia, uma evolução na área do diagnóstico e no tratamento da medicina, alguns procedimentos deixaram de serem feitos, novos surgiram. A medicina é dinâmica, e por isso precisamos de um currículo que seja flexível. Podemos mudar o que é dado em cada semestre, podemos adiantar ou prorrogar uma certa matéria de acordo com o desempenho dos alunos. Isso porquê em todas as fases vai ter Saúde da Criança, Saúde do Adulto, Saúde da Mulher e Saúde e Comunidade, no

currículo antigo, não tínhamos essa mesma oportunidade, pois o currículo ficava restrito a oitava e nona fase. Vou usar como exemplo a Mastologia, quando eu era aluno, tive uma aula de tumores benignos de mama e outra de tumores malignos de mama, Ca de mama é o câncer mais freqüente no sexo feminino, é o tumor com maior taxa de mortalidade no país, e no entanto tínhamos apenas duas aulas no contexto da ginecologia para discutir uma doença tão importante. O aluno não tinha a oportunidade de estudar essa matéria. Quando assumi como professor, comecei a desenvolver, dentro da Universidade, um programa de Mastologia que não podia fazer parte da Ginecologia da oitava fase, pois a carga horária era muito restrita, e teve que ser inserida dentro do internato, para ter a oportunidade de ensinar um pouco mais das doenças mamárias. Não estou querendo dizer que este o currículo antigo era ruim, eu me formei nele, você está se formando nele, e muitos grandes professores tiveram a sua formação nele, foi um currículo bom para a época, hoje a uma necessidade de mudança, o próprio ensino requer a formação de médicos generalistas, muitas matérias do básico você nem lembra mais, bioquímica, embriologia, porque esses conceitos não foram sedimentados com a prática médica, agora neste currículo, quando foi planejado a aula de câncer de mama foi programado para ter além de um Mastologista, ter uma aula de Radiologia e um de patologia, tem elos entre as aulas. Em 2008.2 todo o currículo vai estar implantado, teremos ginecologia em todas as fases, e teremos alunos melhores embasados nestas matérias.”

#### Sobre a nova residência de Ginecologia e Obstetrícia

“Hoje em Florianópolis há a necessidade de mais vagas para a ginecologia e obstetrícia, principalmente no serviço público, o HU está crescendo, já disponibilizaram uma grande área para GO, houve a contratação de novos médicos e a formação de nova residência, tudo isso em virtude dessa maior procura e necessidade de profissionais especializados. Não existe pólo formador de médicos melhor do que o HU, pois permite colocar o residente neste contexto do currículo novo, participar em todas as áreas, enquanto na MCD, por exemplo o residente fica voltado somente para Ginecologia e Obstetrícia.”

Professores efetivos que faziam parte do Departamento neste período:

- Prof<sup>o</sup>. Beatriz Maykot Kuerten Gil
- Prof<sup>o</sup>. Carlos Gilberto Crippa
- Prof<sup>o</sup>. Edison Natal Fedrizzi
- Prof<sup>o</sup>. Jorge Abi Saab Neto
- Prof<sup>o</sup>. Lilia Rosa Marques
- Prof<sup>o</sup>. Luiz Fernando Somacal
- Prof<sup>o</sup>. Miriam Krieger T.Cunha Mello
- Prof<sup>o</sup>. Paulo Fernando Brum Rojas
- Prof<sup>o</sup>. Ricardo Nascimento
- Prof<sup>o</sup>. Savas Apóstolo Pitsica
- Prof<sup>o</sup>. Ubiratan Cunha Barbosa
- Prof<sup>o</sup>. Evaldo dos Santos
- Prof<sup>o</sup> Roxana Knobel

Mensagens aos alunos:

“A faculdade de medicina é um curso longo, pesado, o perfil dos alunos de medicina é diferente de alunos de outros cursos. É uma profissão em que a gente aprende a viver, pois quando um paciente está na sua frente, com alguma doença, ela está querendo tratar a alma. Temos uma maior oportunidade de conhecer os seres humanos e aprendermos com eles, a profissão tem essa vantagem, nos ensina a viver, só temos que estar abertos para estes ensinamentos. E só de saber que algumas vezes estamos nas orações dos nossos pacientes, que conseguimos fazer o bem, isso já faz valer a pena todo o sacrifício que enfrentamos neste trabalhar.”

## 5 CONCLUSÃO

O resgate histórico ora realizado – de fatos e temas que permearam a existência do Departamento de Tocoginecologia da UFSC – não tem o condão de comparar ou julgar as posições e decisões que repousam no passado.

Apontar depoimentos referentes a temas relacionados com o desenvolvimento de uma instituição atuante no meio acadêmico, leva-nos ao perigoso caminho de incorrer na extrapolação dos objetivos e aprofundar na análise das entrevistas, dissertando sobre os assuntos. Não ousamos fazê-lo, uma vez que o objetivo desta pesquisa é de relatar a história e permitir que cada pessoa possa fazer a sua análise.

Desarmado do recurso de expressar minha subjetiva análise de cada um dos temas abordados, faço, imbuída de espírito estritamente observador a fim de não incorrer indevidamente no risco de alguma das constatações serem interpretadas como parcial ou contrária a algum relato. Mesmo assim, cumpre ressaltar que o Departamento de Tocoginecologia é um dos principais departamentos do curso de medicina, coordenando o currículo das aulas da saúde da mulher, e lutando para melhorar, a cada dia, o aprendizado deste assunto.

Os resultados deste trabalho não objetivam esgotar temas ou impor dados conclusivos, mas sim orientações que possam despertar novos questionamentos e novos estudos que resultem num melhor entendimento da evolução do Departamento de Tocoginecologia.



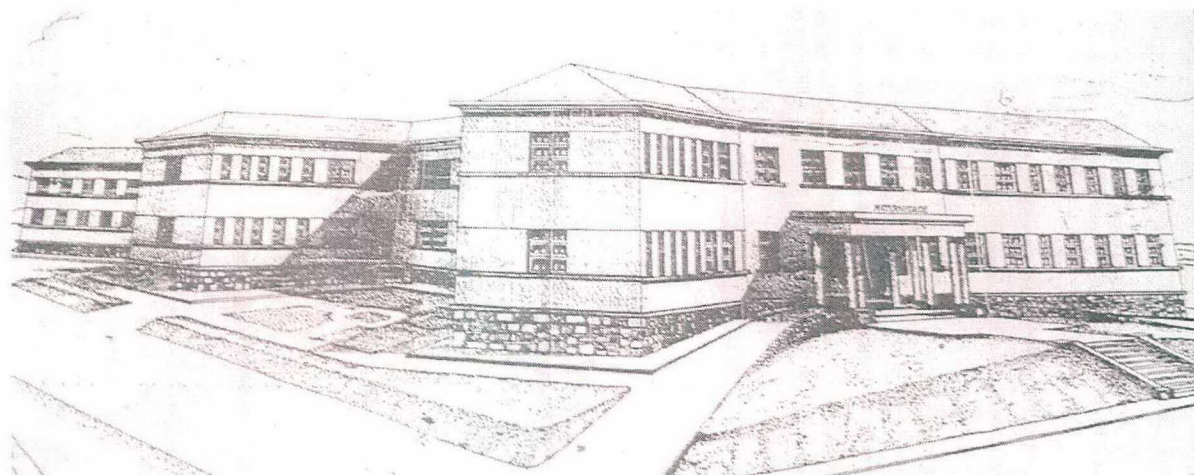
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OLIVEIRA, M. L.: Memórias de um povo, Rio de Janeiro, 1982.
2. MASSIMI, M.: Memória e História na História da Psicologia: Dois Exemplos de Produção de Documentos. *Memorandum*, n 2, p 2-12, março 2002.
3. BARREIRA, I.A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, julho 1999.
4. CARDOSO, M. H.C. A.: História e medicina: a herança arcaica de um paradigma. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, VI(3): 551-575, nov. 1999-fev. 2000.
5. RIBEIRO, L. Pelos Caminhos da Medicina, Rio de Janeiro, p. 178, 1976.
6. AIA, R. J. F.e FERNANDES, C. R.. O alvorecer da anestesia inalatória: uma perspectiva histórica. *Revista Brasileira de Anestesiologia* , p.774-782. Vol. 52, Nº 6, Novembro - Dezembro, 2002.
7. SOUZA, P. C. O que é história?, São Paulo, p 78, 1989.
8. PEREIRA, F. dos S. O gerenciamento do Hospital Universitário da UFSC nos níveis estratégico, tático e operacional, na percepção de seus dirigentes. [Dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2003. 314 p
9. MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 6ed. São Paulo, Rio de Janeiro; Hucitec/Abrasco, 1999.
10. EIZIRIK, M. F. Por que fazer pesquisa qualitativa? *Revista Brasileira de Psicoterapia*. Jan/abr.2003, vol. 5. nº.1. Disponível na World Wide Web: [http://www.ufrgs.br/psiq/rbpn51\\_02.htm](http://www.ufrgs.br/psiq/rbpn51_02.htm). [acesso em 15, fev 2006].
11. ALBUQUERQUE, G. L.; TRENTINI, M. "O Movimento Participação na Associação Brasileira de Enfermagem: seção Santa Catarina, na visão de suas principais lideranças.". Florianópolis. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2001. 171 p.
12. POLIT, Denise F. Nursing research: principles and methods.. Philadelphia: J.B. Lippincott, 1983.
13. MEIHY, J. C. S. Manual de historia oral. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola; 1998. 86p.
14. CORREA, C. H. P. Universidade Federal de Santa Catarina. Historia oral : teoria e técnica. Florianópolis: UFSC, 1978. 91 p.

15. CUTOLO, L. R.A. Estilo de pensamento em educação médica: um estudo do currículo do curso de graduação em medicina da UFSC. 2001. 208 p. Tese de Doutorado em Educação – CED/ UFSC, Florianópolis.
16. PEREYRA-FAGUNDES, J. W.; PETROIANU A. Interesse de estudantes de medicina por pesquisa científica. Revista brasileira de educação médica. 2000, mai/ set, 24, (2): 9 – 5.
17. FERREIRA, M. M.; AMADO, J. Usos & abusos da historia oral. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996. 277 p.
18. THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa - ação. 5. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. 108 p.

## APÊNDICES

Apêndice 1: Prospecto da Maternidade Carmela Dutra (1954)



Apêndice 2: Maternidade Carmela Dutra (2006)

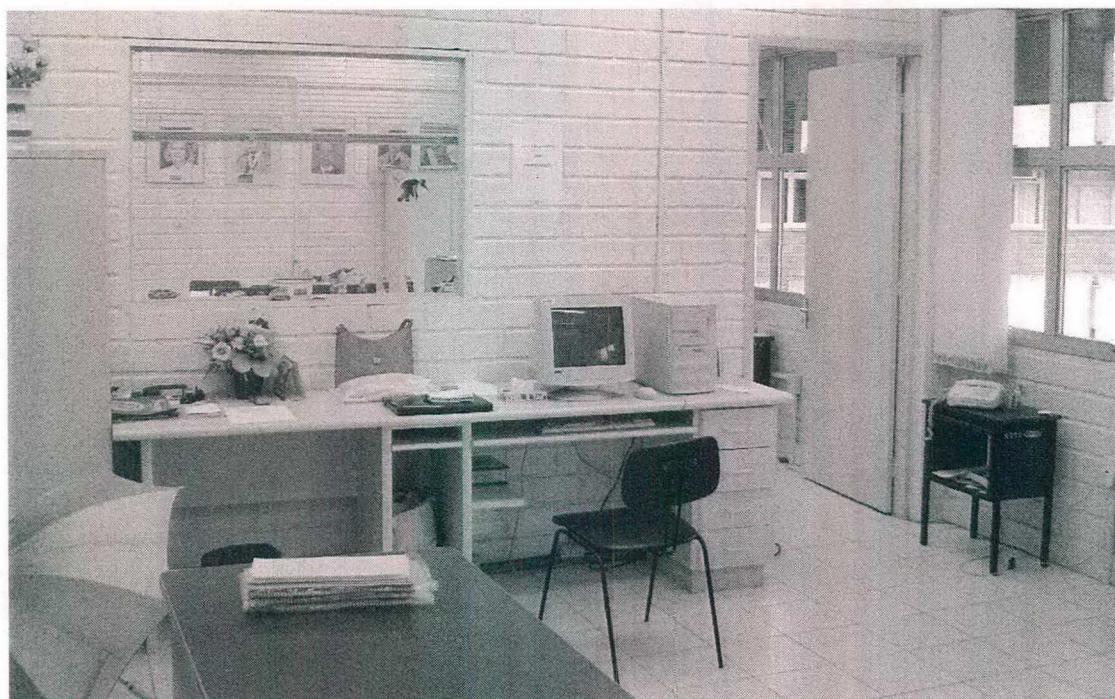




Apêndice 3: Unidade VIII (Antigo Departamento Materno Infantil)

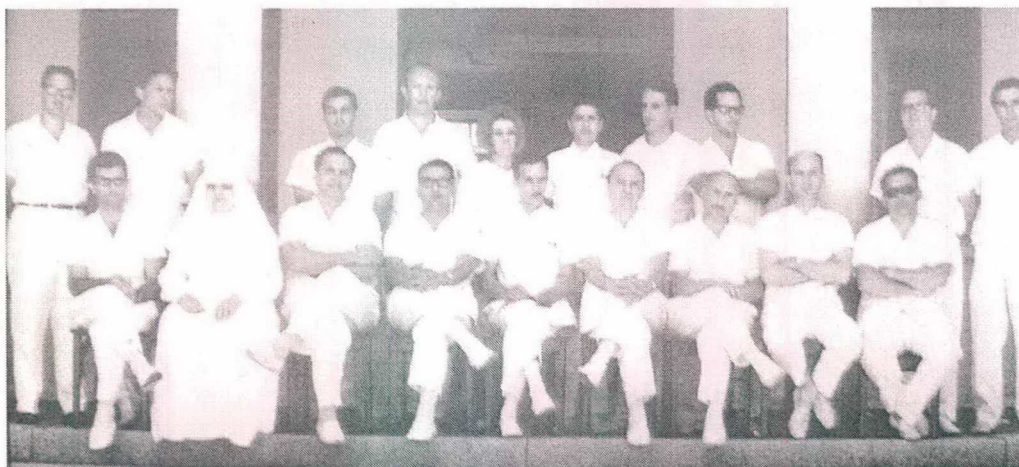


Apêndice 4: Departamento de Tocoginecologia

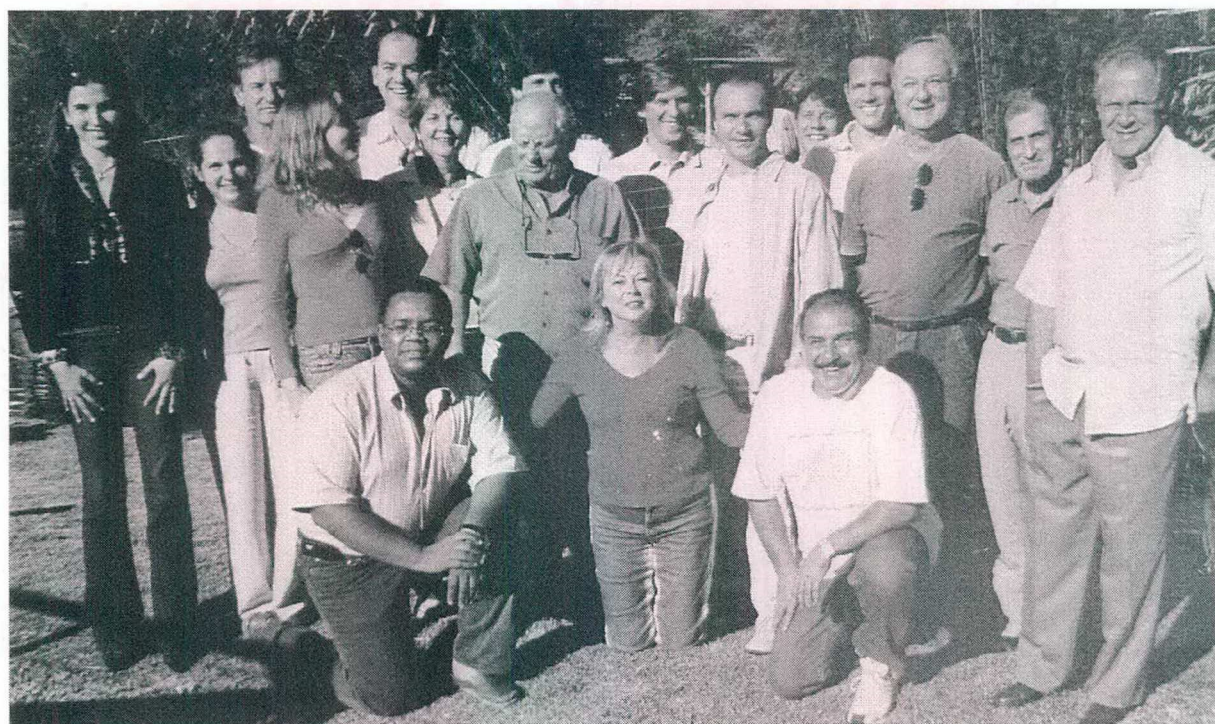




Apêndice 5: Primeiros professores de Ginecologia e Obstetrícia do curso de Medicina



Apêndice 6: Professores do Departamento de Tocoginecologia



## **NORMAS ADOTADAS**

Este trabalho foi realizado seguindo a normatização para trabalhos de conclusão do Curso de Graduação em Medicina, aprovada em reunião do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, em 17 de novembro de 2005 .



03751871